

ANTÓNIO MENDES MOREIRA

# a girafa e o guindaste



LIVRARIA **Civilização** EDITORA



ANTÓNIO MENDES MOREIRA

# a girafa e o guindaste

Ilustrações de Glória Ferreira Gomes



LIVRARIA **Civilização** EDITORA

**DO AUTOR:**

O TOJO TAMBÉM FLORESCE (romance) — Editorial Argus, 1956; 2.ª edição reescrita, Brasília Editora, 1985.

VIDA DE MÉDICO (episódios da clínica) — Editorial Argus, 1966; 2.ª edição corrigida e aumentada, Brasília Editora, 1981.

VILATEIA (romance) — 1975; 2.ª edição remodelada, Brasília Editora, 1985.

PENSANDO NO VALE DO SOUSA (ensaio/crónica) — 1981.

EU E OS OUTROS (diário/memória) — 1.º tomo, Brasília Editora, 1983.

EU E OS OUTROS (diário/memória) — 2.º tomo, Brasília Editora, 1984.

SOBRETUDO O AMOR (contos) — Brasília Editora, 1985.

O AVÔ (história infanto-juvenil) — Livraria Civilização Editora, 1986.

EU E OS OUTROS (diário/memória) — 3.º tomo, Brasília Editora, 1987.

A GIRAFÁ E O GUINDASTE (história infanto-juvenil) — Livraria Civilização Editora, 1988.

**A PUBLICAR:**

VIDA DE MÉDICO — 3.ª edição corrigida.

EU E OS OUTROS — 4.º tomo.

Nessa manhã de Maio, quando os bichos da noite ainda estavam no primeiro sono e o Sol se punha a enxugar as lágrimas do orvalho e a beijar as folhas dos trevos e as pétalas dos bons-dias para as acordar, quando os pássaros já iam namorando, quando as abelhas, de flor em flor, prometiam mel e as borboletas fantasias, eu, girafa bastante jovem, e, por isso, de cabeça mais levantada que nunca, senti a tentação de fugir da minha selva domesticada — o jardim zoológico.

E foi assim que, depois de abrir a boca e de dilatar as narinas para receber o ar semeado de pólen e encher a alma de coragem, logo procurei firmar-me bem nas patas para pular sobre a vedação de rede.

Conquistada essa liberdade, após uns pequenos abanões das orelhas e dalguns pinotes, que não consegui travar no meio do entusiasmo, resolvi caminhar o mais escondida possível pelas árvores, arbustos e sebes, mas sempre com o cuidado de não magoar a beleza delicada dos canteiros. É que precisava de enganar a vista dos guardas, que supunha certa, até descobrir a saída.

Depois de oferecer uma olhadela vagarosa e húmida aos meus vizinhos herbívoros, desde os cavalos aos gamos, das gazelas às zebras, dos lamas aos cangurus, senti-me encantada e grata junto das aves prisioneiras, pois nunca deixavam de cantar. Sim, durante dias e dias, principalmente na Primavera, tinham-me ajudado a viver! Confesso



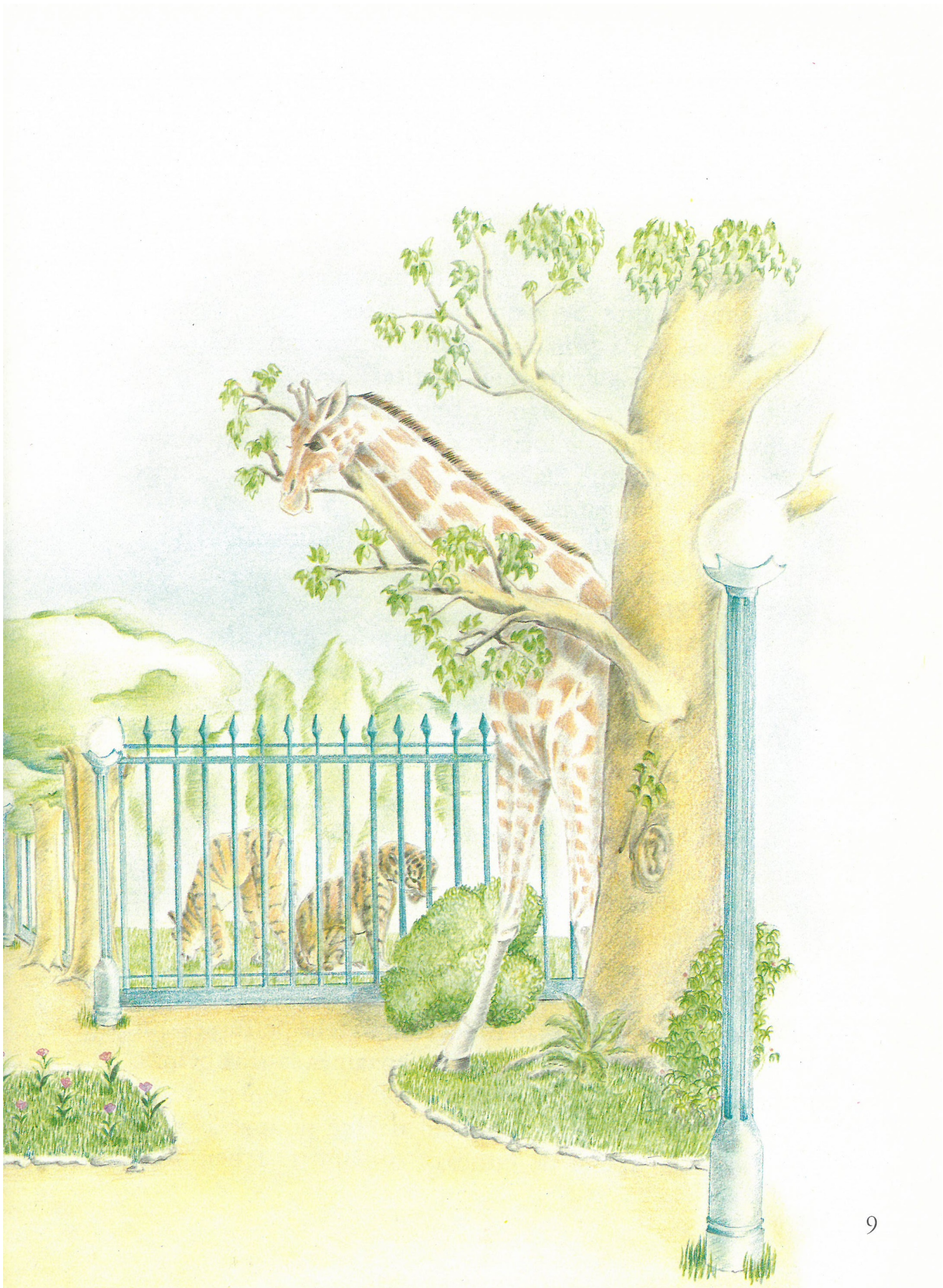
que, parecidas com esses gorjeios, só as risadas das crianças diante dos mais esquisitos, ridículos ou brincalhões de todos nós. Então, à volta da «aldeia dos macacos», a alegria nunca deixava de andar à solta de manhã à noite, e tanto ou mais que nos balouços, rodas de cavalinhos, carros, escorregadouro ou recinto de patinagem do parque de diversões.

Para mim, essa imitação de selva ainda tinha muitos segredos, pois, como o arvoredo era alto e frondoso, só conseguia ver os bichos mais próximos, embora ouvisse a voz de todos, e na qual até parecia perceber gritos, lamentos ou desabafos, mas nunca aquilo que no homem poderia ser semelhante às gargalhadas.

Uma coisa me custou muito: passar pela torre das aves de rapina. Meu bafo chegou a agitar-lhes as penas, mesmo naquelas que estavam nos poleiros mais altos, e, por isso, lhes pude adivinhar uma imensa saudade do azul do céu e dos voos de centenas de quilómetros à hora, em que o falcão e a águia são sempre campeões.









De todas as outras aves, as que me deixaram menos saudades foram os canários e os periquitos por se encontrarem bastante bem-dispostos no cativeiro...

Ao aproximar-me das jaulas dos carnívoros, suponho ter visto bocas pouco ferozes, inclusivamente nos felinos mais sanguinários. Seria que seus dentes, já fartos das carnes mortas e da prisão, se contentariam em mostrar o rilhar manso das dentaduras postiças?... No entanto, ao passar pelos tigres, julgo ter feito abrir o apetite de um deles, pois lambeu o focinho de tal jeito e com uns olhos tão aterradores que mais me pareceram os buracos sôfregos duma espingarda.

Não havia dúvida que só o leão — rei dos animais — tinha palácio e que as outras feras só mereciam ver o Sol atrás das grades.

Uma tarde ouvi dizer à minha avó, apanhada numa savana de Angola, que existem duas espécies de animais: os que matam pela maior das necessidades — a fome — e os que o fazem por ela e também por prazer, como o tigre ou a louva-a-deus.

Quando comecei a crescer, ainda haveria de falar-me das lutas de machos, acrescentando:

— Mas o homem é o pior de todos! Sim, é o único capaz de matar o seu semelhante! E, muitas vezes, por dá-cá-aquela-palha!

Depois de passar junto de bastantes rosas, cravos e gardénias e ao aproximar-me de tufos de alfazema, alecrim e madressilva, fiquei tão tonta com os seus perfumes que tive de me encostar a uma tília enxameada de abelhas. Cedo, porém, esta me tentou e comecei a comer as suas folhas, embora com o cuidado de lhe poupar as mais novas, pois, apesar de gostosas, deviam ter rebentos.







Pude ver que os camelos e os paquidermes mais corpulentos, as garças, as cegonhas, os flamingos e os avestruzes iriam servir de bom resguardo para a fuga. E não só eles, mas também o comboio e os dois elefantes que transportavam a miudagem barulhenta nas ruas principais.

Baixando a cabeça, atitude a que já estava habituada por nos darem o penso numa gamela, e com a ajuda da



calma que nasceu comigo, a verdade é que consegui fugir mais facilmente do que supunha.

Já na rua, ergui o pescoço e respirei fundo: aquele o último obstáculo para ser livre! No entanto, logo me vi embaraçada com os passeios cheios e as ruas com muitos automóveis, autocarros, eléctricos, caminhetas, motas, carlinhas, bicicletas, guinchos de travões e buzinelas. Seria esta a selva dos homens?

Bastante atrapalhada, procurei escapar-me por vielas, travessas e becos, onde, por vezes, apareciam nos muros plantas que resolvi petiscar, embora me soubessem muito mal — ao fumo que quase todos esses bichos de rodas, de maior ou menor tamanho, pele de várias cores e um tanto rabugentos ou retilões iam bufando.

E eis-me na Avenida da Liberdade! Enfim, ali poderia estar sossegada e contente, não só pelo que a última palavra me dizia naquele momento, mas também pelos seus canteiros, relvados e árvores. Contudo, ao mastigar as pontinhas tenras duma sebe, até elas já tinham mau sabor....

Daí, tornei a meter-me em tantos atalhos como trabalhos. Fui, então, parar ao pé duma multidão de barracas, tão feias que tive de perguntar a mim própria:

— Que diabo de animais morarão aqui?

Entretanto, ao ver entrar ou sair delas uns seres magros, pálidos e tristes, não pude deixar de voltar a interrogar-me:

— Serão da mesma raça dos que vi nas ruas e avenidas?

E caminhei, caminhei até que já com o Sol-posto, ao passar junto dum bar, vi atirado lá de dentro um homem tão miúdo que mais parecia um anão. Tendo, em boa hora, furado pelo intervalo das minhas patas dianteiras e traseiras, depois de, com muito esforço, ter conseguido sentar-se na beira do passeio, começou a berrar:



— Arre!, até os postes já sabem andar!...

— O abuso do álcool é um perigo! — exclamou um homem que passava.

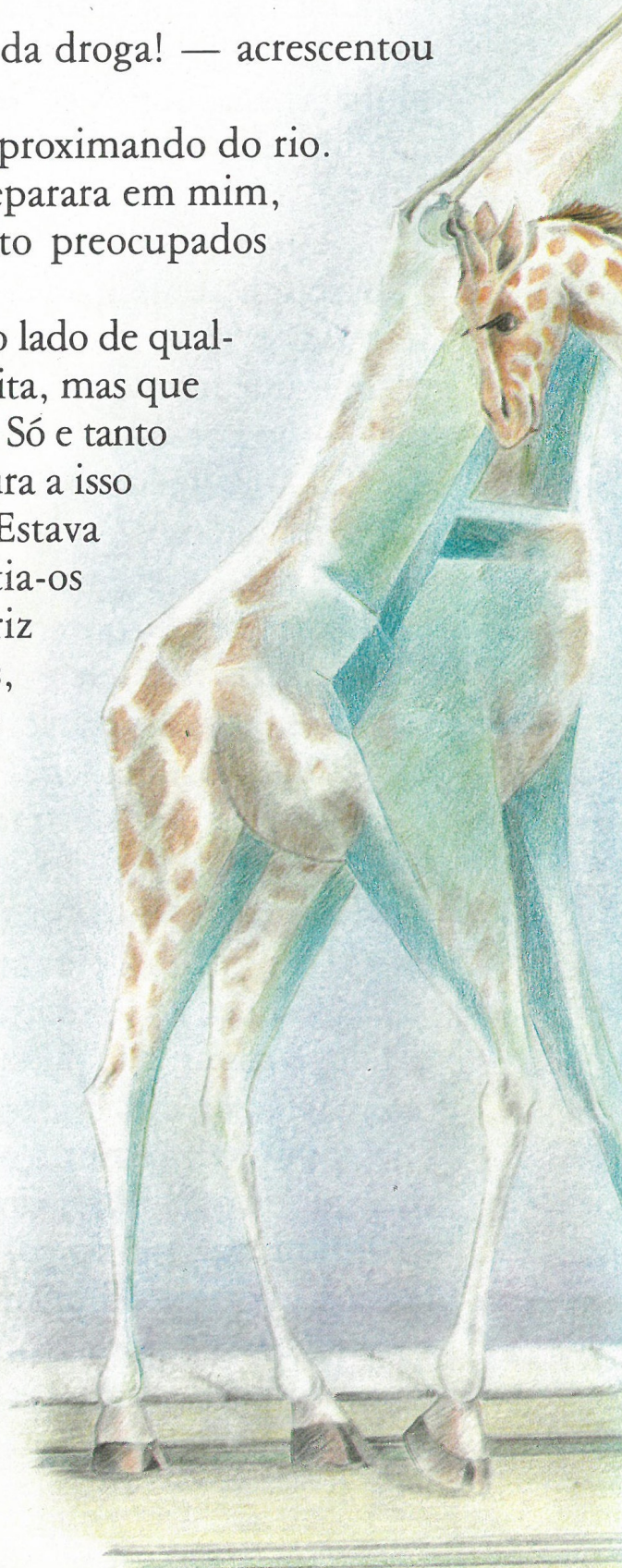
— E tão grande como o uso da droga! — acrescentou a sua companheira.

Talvez por ter sede, fui-me aproximando do rio. Felizmente, até ali, ninguém reparara em mim, pois os homens pareciam muito preocupados com eles próprios...

Entrei no cais para logo ficar ao lado de qualquer coisa desconhecida e esquisita, mas que se parecia comigo: um guindaste. Só e tanto mais desamparada quanto a altura a isso obrigava, encostei-me a ele. Estava muito cansada. Os ouvidos sentia-os esganhados pelo ruído, o nariz e os olhos pelos fumos e poeiras, a boca pelas plantas sujas e a pele pela lata dos automóveis...

Então, encontrando-se o guindaste de cabeça vergada, vi que estava de olhos fixos no Tejo, quem sabe se a sofrer com a sua doença — a poluição.

A certa altura, comecei a senti-lo quente, e estranhamente à medida que a noite arrefecia. E também muito mais confortável. Ao mover a sua cabeça para a encostar à minha, perguntou:







— Onde vieste? Quem és?  
— O mesmo quero eu saber de ti.  
— Sou um emaranhado de ferros para substituir o braço e as costas do homem. E que coisas maravilhosas tiro dos barcos! Mas não sou invejoso. Ser útil aos outros é tudo para mim!

— Estou a gostar das tuas palavras. E, por seres de metal, mais encantada fico...

— Acredita que é a primeira vez que tal acontece. Sou outro desde que te servi de amparo...

— Bom, tenho sangue a percorrer-me o corpo, mas sou irracional...

A verdade é que foi naquele momento que principiámos a estimar-nos. À semelhança externa ia-se juntando a interior. Não estranhei, por isso, ouvir algo que passou a bater no peito dele: tum-ta... tum-ta... E, para ter a certeza, até encostei aí a cabeça e apurei o ouvido. Sim, já tinha coração, mas ele nem chegou a dar por isso! No entanto, mal começou a mexer-se, murmurou:



— Sinto que estou a deixar de ser uma máquina. Des-te-me vida!

Ficámos uns momentos calados na contemplação do Tejo, tornado pela Lua um espelho de prata, onde nem só as estrelas procuravam mirar-se, mas ainda as luzes da cidade ribeirinha.

À medida que a noite se foi fechando, a ternura foi-nos invadindo tanto que seu corpo logo se aproximou do meu.

— Não sei para onde ir...

Ele pôs-se a pensar.

— Se embarcássemos para Angola? Afinal, essa foi a terra dos teus avós, aí estarás no teu meio... Conheço gente aqui no porto que nos arranjará um navio.

— Não posso. Já tenho as patas bem assentes nesta capital. E, depois de te encontrar, muito mais ainda!

Acarinhou-me com o jeito duma asa protectora, e ficámos de olhos entretidos com o ondular do rio.

— Eu também sou deste cais, e é aqui que me sinto bem.

Começámos a andar em direcção à saída.

— E se fosses para o jardim da Gulbenkian, de que já ouvi falar? Irei lá todos os dias. Já não podemos separar-nos...

Pusemo-nos a caminho, mas, quando passámos perto da Torre de Belém, disse-me:

— Foi daqui que partimos para desencantar a Índia, o Brasil e outras terras.

Andámos, andámos, contemplámos a estátua de Eça de Queirós e, mais acima, a de Camões; depois passámos pelas ruelas do Bairro Alto, que as casas floridas e de fachadas bastante próximas tornavam muito acolhedoras.

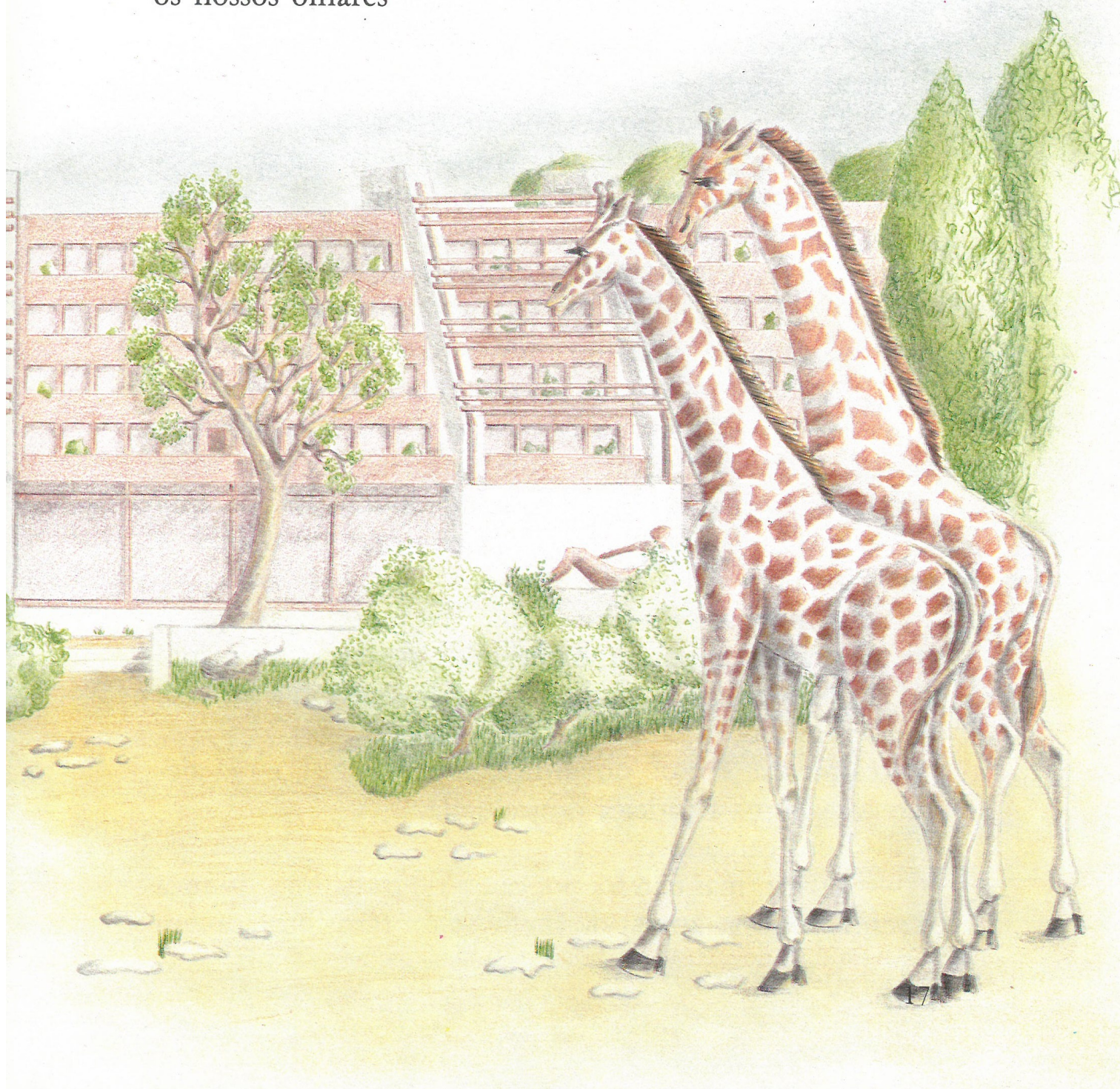


Também aos nossos ouvidos foram chegando fados e guitarradas.

Quando entrámos no parque, de arvoredo cerrado, o barulho quase desapareceu.

— Aqui podes estar tranquila. Virei ter contigo mal deixe o trabalho.

Entretanto, ao despedirmo-nos, os nossos olhares





afastaram-se, mas tão custosamente que só isso chegou para garantir que estávamos enamorados.

Acordei, no dia seguinte, com o cântico dum rouxinol, logo seguido pelos trinados de dois melros e ainda pelos pardais, que, de tão irrequietos, até pareciam querer bicar a própria alvorada.

Mal o Sol raiou, a cidade já estava acordada, enquanto as árvores, muito altas e de folhas buliçosas, até pareciam saudar o céu. Reparei ainda que dos arbustos e da relva brotavam flores belas como lume brando ou fogo-de-artifício. Também um regato cristalino alimentava o lago, onde saltavam e coaxavam rãs por entre nenúfares que mais pareciam mãos abertas em oferta de presentes brancos como neve.

Aquele um maravilhoso recanto de aldeia no meio da cidade?

Durante o dia pude ver muitos jovens, que se juntavam aos pares nos bancos ou na relva para namorarem; diversos noivos, que procuravam ficar para o futuro através de retratos ou filmes; grupos de crianças, que mais pareciam rivais dos pássaros, e ainda alguns velhos, que se sentavam aqui ou ali para repetirem desabafos e recordações.

Ao aproximar-se o fim do dia, comecei a notar que o meu coração passou a bater mais forte. A princípio pareceu-me muito estranho, mas cedo descobri a razão... É que ele estava para chegar!...

Realmente, entrou no jardim ao pôr do Sol, e tão alegre como uma bandeira desfraldada.

— Vens cansado...

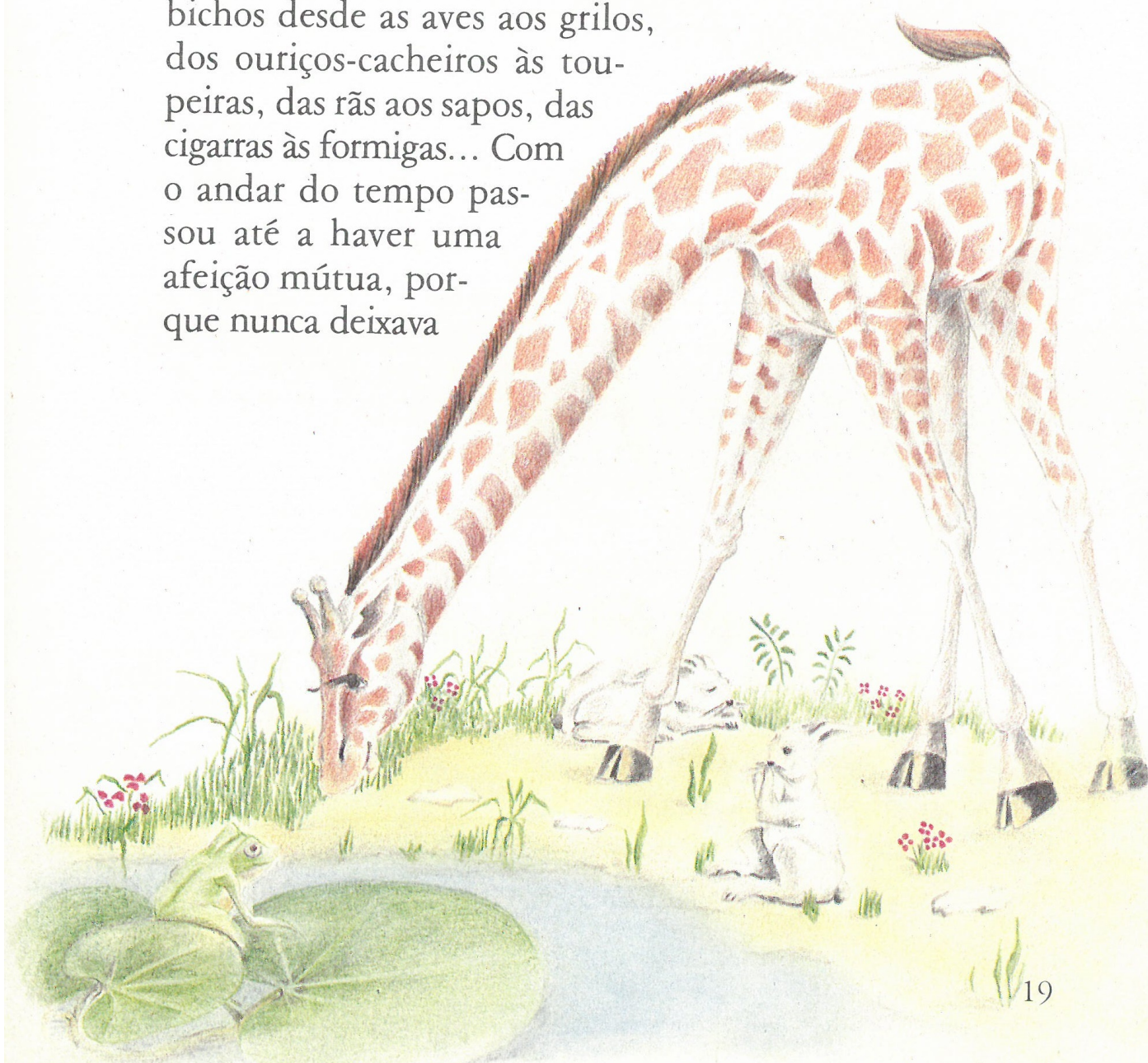
— Talvez, mas não foi por causa do trabalho... Nunca o senti tão leve, apesar do metal se ter transformado em



carne e osso! Quis, minha querida, chegar aqui depressa! E tanto que até tive saudades das minhas velhas rodas...

Acreditem que vivia calma e satisfeita. Estava apaixonada, tinha liberdade; não havia feras a temer e, embora não existisse o meu petisco preferido — certa acácia das savanas —, ia saboreando amieiros, vidoeiros e outras árvores de ramagem macia. Às vezes, se percebia que podia prejudicá-las, até as sebes ou a relva, necessitadas de corte, ou mesmo as folhas caídas me serviam de alimento.

Habituara-me a viver com os bichos desde as aves aos grilos, dos ouriços-cacheiros às toupeiras, das rãs aos sapos, das cigarras às formigas... Com o andar do tempo passou até a haver uma afeição mútua, porque nunca deixava

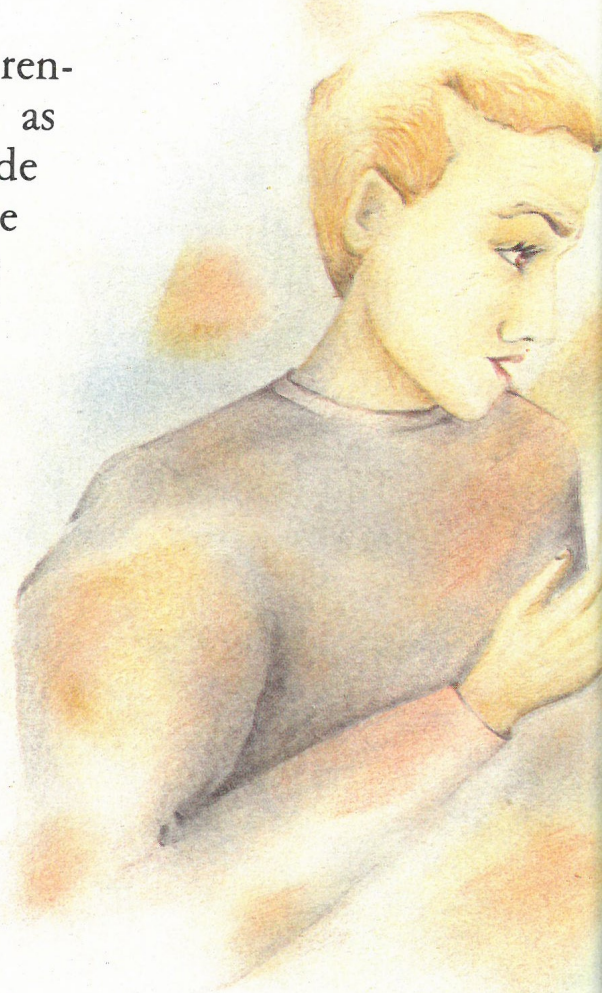




de me interessar pela vida de todos. Assim, no que respeitava aos pássaros, assistia à construção dos ninhos com uma palavra de coragem, ao choco dos ovos com a distração duma conversa e ao sair da casca com um olhar de ternura. Também, quando o tempo se zangava, nunca me esquecia de proteger os que ainda não tinham penas sempre que seus pais iam arranjar comida. De quando em quando, resolvia esgravatar a terra com os cascos, à procura de bichinhos para as aves mais fracas ou esfomeadas. Muitas delas também poisavam nas minhas costas para catarem parasitas ou, simplesmente, para me encherem de mimos.

De todos os animais que viviam rentes ao chão, gostava de admirar as formigas, exemplo de trabalho e de força. E até estou convencida de que, se houvesse desporto entre insectos, elas seriam campeãs de halteres!

Quando resolvia beber no lago, algumas vezes ainda olhava para trás. É que a minha avó nunca se cansara de repetir que era esse o momento de sermos atacadas. Como estávamos quietas e de patas dianteiras afastadas por serem mais compridas do que as de trás, o leão trepava pelo lombo e corria até dar uma patada violenta na nossa frágil cabeça. Passados, porém, esses instan-

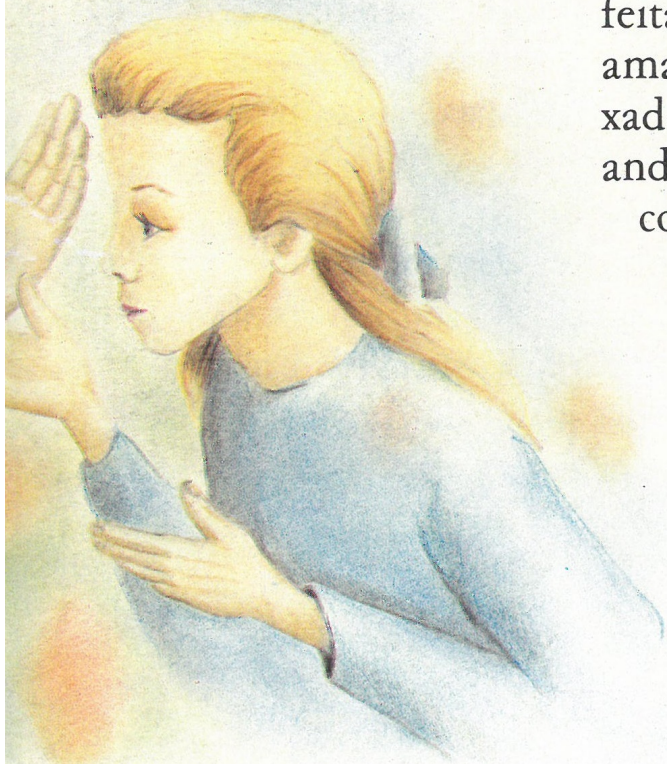




tes de medo, logo contemplava os peixes e as rãs, nadadoras elegantes, e havia ainda quem coscuvilhasse que gostava de me remirar no espelho da água...

Devo confessar, sem vaidade, que, naquele dia, a minha fama de fada boa do pequeno bosque aumentou muito. Realmente, estava o pica-pau às gargalhadas para anunciar a chuva que lhe ia amolecer a madeira, quando chegou um bando de estorninhos em altos guinchos. E tal alarido fizeram que acordaram a coruja. Ainda tonta de sono e de olhos a piscar, chamou-me para anunciar a morte do mais antigo e alegre casal de melros do jardim. Havia sido vítimas dum dos muitos venenos utilizados pelo bicho-homem, já que se não viam sinais de tiros e as armadilhas eram feitas para os apanharem vivos. A amarga realidade é que tinham deixado três órfãos recém-nascidos e eu andei numa roda-viva, não só para os consolar e lhes conseguir abrigo noutros ninhos, mas ainda para os proteger até ficarem bem cobertos de penas e de asas prontas para iniciarem os seus voos.

Como é natural, estava ainda atenta a tudo o que se passava nos belos edifícios de ci-





mento, madeira e vidro, que os racionais tinham ao dispor para se cultivarem.

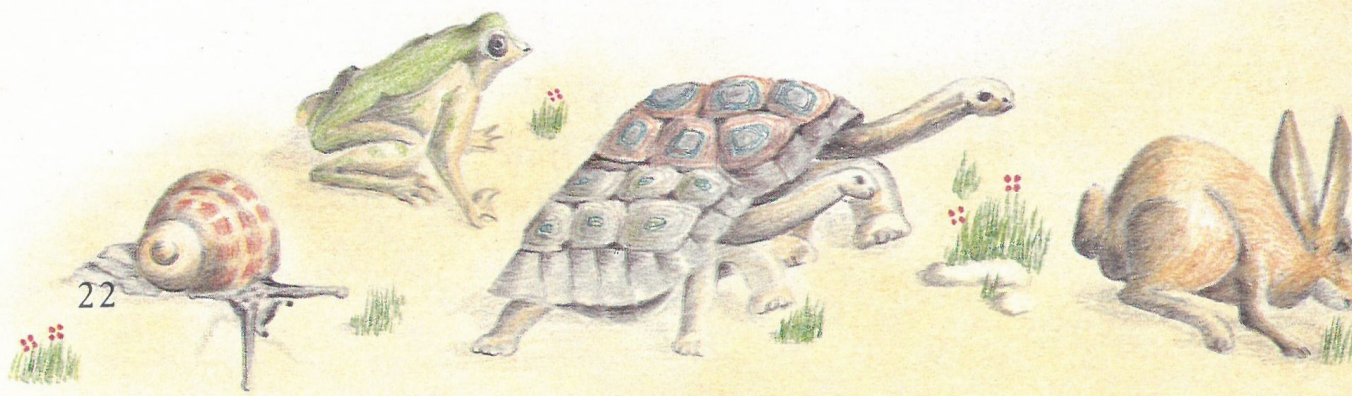
De facto eram muitos os estudiosos que procuravam aprender na biblioteca e mais ainda aqueles que se juntavam para visitarem os museus e participarem em reuniões. Também não faltavam os que para ali vinham ouvir música, praticar bailado e apreciar exposições de pintura e escultura. Tudo isso para mim e, aos fins-de-semana, para o meu companheiro tornava-se, afinal, um motivo de curiosidade e de prazeres até então ignorados.

Enfim, ali estava como, à custa do dinheiro de Calouste Gulbenkian, ganho com o petróleo, se pôde erguer uma «Refinaria do Espírito» para valorizar aquilo que se pensa e sente, e logo num ambiente de paz!

Tida por muito meiga e generosa, até entre as crianças, o certo é que estas chegavam ao descaramento de brincar com as minhas patas. E entregava-me a elas, pois a vida em manada, estando-me no sangue, ajudava à camaradagem e amizade.

Já não sei quanto tempo depois de ali estar, o meu namorado, mais triste do que a noite, desabafou:

— Passei o dia a carregar material de guerra! Foi como se tivesse de aguentar com o mundo às costas... E uma coisa destas quando as minhas irmãs gruas da construção civil ainda são tão poucas para arranjam casa a tantas e tantas pessoas!...









— Apesar de tudo, quanto mais tempo vou passando neste paraíso, mais confiança vou tendo no futuro!

— Também gostava de a ter!

Ora, a acabarmos de dizer isso e a surgir um relâmpago que nos estonteou e um trovão que nos fez paralisar. Mas, dentro de segundos, ao darmos por nós e ao olharmos um para o outro, vimo-nos transformados em homem e mulher. Então, no céu, passou a sorrir-nos um arco-íris. E, de tão felizes, abraçámo-nos muito.

Com ele nascido à beira-rio e eu sonhando com a terra mais ou menos bravia, claro que teríamos de aproveitar os descansos dos fins-de-semana para passearmos pelo litoral mais rústico.

Começámos por nos aconchegar muitas vezes em Sintra, pois as árvores centenárias, os palácios e os jardins só nos podiam encher de beleza. Isso, porém, só depois de, rolando de automóvel em estrada de asfalto, gozarmos o nosso Tejo, a Boca do Inferno e o cabo mais próximo, e daí a costa, com tanto de medonho como de atraente por estar quase toda cortada na montanha.

Em seguida, passámos a visitar a serra da Arrábida, onde, por entre o alecrim, as estevas, os medronheiros, o rosmaninho, a areia fina e as rochas cor de mel, nunca chegámos a saber qual dos dois — mar ou céu muito azuis — era imagem do outro...

Às vezes, o encantamento era tão grande que o murmúrio das ondas aos pés da serra e o da brisa de Primavera, em sementeira de pólen e aromas, até pareciam segredar versos dos poetas que por ali tinham andado de alma seduzida!

No regresso dum desses passeios, enquanto contemplava o monumento a Cristo-Rei, recordo-me de ter desabafado:



— O que desejo acima de tudo é um mundo mais justo, fraterno e sadio.

Casámos num sábadó de sol.

Pena foi não ter aparecido a televisão para verem o que se passou. Nunca julguei merecer semelhante festa! As aves que viviam ou costumavam frequentar o jardim da Gulbenkian dirigiram-se, em revoadas, para Belém, acompanhadas por enxames de abelhas e nuvens de borboletas, libélulas e joaninhas. Eram, além disso, representantes dos que tinham asas mas viviam de noite — morcegos, corujas, mochos, algumas borboletas — e ainda dos que não tinham asas nem patas capazes de os levarem lá, como as formigas, grilos, minhocas, sardaniscas, ouriços-cacheiros, toupeiras e muitos mais.

Atendendo ao bom nome que eu conquistara, sobretudo através das novidades levadas sempre longe pelos pássaros, também fizeram questão de se associar a este acto, entre outros, os habitantes voadores do jardim zoológico e os das gaiolas domésticas, mais ou menos próximas. E, para se conseguir a libertação de todos eles, umas dúzias de piscos-ferreiros logo se puseram ao dispor... Também bandos de aves, das maiores às mais pequenas, voaram para os jardins de Lisboa e arredores, a fim de colherem flores nos canteiros, nas estufas e ainda nas matas ou em qualquer sítio.

Quando principiámos a sair do Mosteiro dos Jerónimos, ao som da «Marcha Nupcial», sobre nós as andorinhas puseram-se a espalhar pétalas de rosas, as águias e os falções, de asas dadas com as rolas e pombas, flores silvestres, as gaivotas e os maçaricos pequenas conchas brancas e flores das dunas, os periquitos, aos pares, ofereceram beijos, um casal de cegonhas entregou-me um ramo de





papoilas e outro, de pavões, um ramo de orquídeas ao noivo, e até um bando negro de estorninhos tentou debicar no céu uma nuvem branca como algodão para a lançar em flocos sobre nós...

Tudo isso por entre canções dum orfeão ésvoaçante de canários, cotovias, cucos, toutinegras, melros, pintassilgos, rouxinóis, tentilhões e outras aves.



Dali partiu o cortejo, em automóveis, para o meu parque, sob um manto de asas que parecia não ter fim.

Quando chegámos, para as fotografias e filmagens, apareceram os bichos do chão que tinham voz e moravam lá, como os grilos, ralos, sapos, rãs, cigarras, e ainda os que eram mudos; todos eles desejosos de manifestarem, da maneira que podiam, o seu contentamento. Lembro-me, por exemplo, que, enquanto os primeiros erguiam os seus sons, imediatamente seguidos por novos cantares dos pássaros, os caracóis passaram a mexer os corninhos, as minhocas puseram-se de pé, as lagartixas agitaram nervosamente as caudas, os ouriços-cacheiros despiram a bola de espinhos, os saltões resolveram dar cambalhotas em vez de pulos e até as formigas pararam!

Por fim, surgiu um papagaio, naquela ocasião estranhamente delicado, pois, tanto ele como os da família são muito conhecidos pelas asneiras ensinadas pelo homem. Estava rodeado de colibris e fez um discurso em nome de toda a bicharada, mas pondo de lado, coisa bem difícil, grande parte da retórica habitual. Referindo-se a mim, afirmou que, se fora possuidora de um grande corpo, meu coração ainda era maior, pois nunca abusara do tamanho durante «uma vida rica de boas acções». Do noivo disse que tinha sido exemplo de paciência, desinteresse e trabalho. «Deste casamento, bons amigos, só poderemos esperar filhos extraordinários e quem sabe até se o princípio de uma sociedade melhor!» — esta a única frase em que se notou um exagero semelhante ao dos homens.

Depois de se calar, porém, ficou comovido, ele que só sabia ser brincalhão. Mais: quando, enternecida, o agarrei para lhe dar um beijo, ele, de descaramento bem



conhecido, ficou tão envergonhado que só as penas verdes e amarelas conseguiram encobrir-lhe o rubor.

Os anos têm passado e, como sempre que ouvimos o coração e acarinhamos o sonho, vivemos felizes.



